

LEVANTAMENTO DE ERICACEAE JUSS. NO NÚCLEO CURUCUTU, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR, SÃO PAULO*

Cátia TAKEUCHI**
Paulo AFFONSO**

RESUMO

Este trabalho consiste no levantamento florístico e estudo taxonômico de Ericaceae Juss. no Núcleo Curucutu, Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo. Para reconhecimento das espécies são apresentadas chaves de identificações, descrições, ilustrações, distribuição geográfica e fenologia. Foram identificados dois táxons: *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. var. *brasiliensis* e *G. rhododendron* Cham & Schtdl.

Palavras-chave: Ericaceae; levantamento florístico; Núcleo Curucutu; taxonomia.

ABSTRACT

This work consists of a floristic survey and taxonomical study of the Ericaceae Juss. at Núcleo Curucutu, Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo. Keys of identification, descriptions, illustrations, geographic distribution and phenology are presented. Two taxons were recorded: *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. var. *brasiliensis* and *G. rhododendron* Cham. & Schtdl.

Keywords: Ericaceae; floristic survey; Núcleo Curucutu; taxonomy.

1 INTRODUÇÃO

Ericaceae apresenta distribuição cosmopolita, exceto para a Antártica (Stevens, 1971), mas os seus maiores centros de diversidade estão localizados na Ásia Tropical, no Himalaia, no sul da África e nas cadeias montanhosas da América do Sul e Central (Kron & Chase, 1993). Em clima tropical, a família concentra-se nas regiões montanhosas e em todos os ambientes com solos ácidos (Stevens, 1971). Nos neotrópicos, tem maior concentração na Colômbia e no Equador (Luteyn, 2002; Luteyn & Wilbur, 2005).

Segundo Luteyn *et al.* (1995), Ericaceae apresenta cerca de 160 gêneros e 4.500 espécies. No Brasil, ocorrem 12 gêneros (Meisner, 1864) e aproximadamente 90 espécies, restritas aos brejos, terrenos alagadiços e às terras ácidas das montanhas, sendo que dos gêneros, os mais representativos em termos numéricos são *Agarista*, *Gaylussacia* e *Gaultheria*. No Sudeste brasileiro, onde se concentra a maior parte dos representantes dessa família, há três gêneros e 66 espécies, 97% das quais endêmicas (Kinoshita-Gouvêa, 1979).

Baseados em análises filogenéticas, através de evidências morfológicas e macromoleculares, Kron *et al.* (2002) reconheceram para Ericaceae oito subfamílias, divididas em 20 tribos. A família é constituída por subarbustos a árvores, podendo ser epífitas, algumas vezes ervas aclorofiladas e micotróficas. As folhas são simples, alternas, opostas ou verticiladas, sem estípulas, decíduas ou não. As flores são actinomorfas a ligeiramente zigomorfas, com cálice gamossépalo, corola dialipétala ou gamopétala, estames 10, livres ou não, ovário súpero ou ínfero com disco nectarífero, geralmente penta locular, placentação axilar ou parietal onde estão presentes óvulos frequentemente numerosos. O fruto é do tipo cápsula, baga ou drupa, com cálice geralmente persistente e sementes pequenas, aladas ou não (Romão & Souza, 2003).

O presente trabalho teve por objetivos a realização de coletas, identificações, descrições e a confecção de chave de identificação para Ericaceae presente no Núcleo Curucutu, Parque Estadual da Serra do Mar, contribuindo assim para o conhecimento da família.

(*) Aceito para publicação em maio de 2009.

(**) Herbário Unisa, Faculdade de Biologia, Universidade de Santo Amaro, Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, 04829-300, São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: paffonso@unisa.br

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido no Núcleo Curucutu localizado no Parque Estadual da Serra do Mar (São Paulo), situado no setor de planalto próximo ao paralelo 24° S, com a sua maior parte ocupando as encostas da Serra do Mar, em altitudes entre 750 e 850 m. O Núcleo Curucutu é administrado pelo Instituto Florestal e abrange os municípios de Itanhaém, Juquitiba e São Paulo. Caracteriza-se pela presença de formações campestres e florestais onde estão as nascentes dos rios Embu-Guaçu e Capivari, integrantes do Sistema Guarapiranga e parte do rio Mambu que abastece Itanhaém (Garcia & Pirani, 2005).

Os espécimes foram coletados no período de agosto de 2007 a março de 2008. A herborização seguiu a metodologia descrita por Fidalgo & Bononi (1989) e os materiais provenientes das coletas foram depositados no Herbário Unisa.

As análises e as identificações das amostras foram realizadas através da comparação das mesmas com a literatura (Kinoshita-Gouvêa, 1979, 1985) e coleções depositadas nos herbários consultados. A terminologia morfológica empregada condiz com as definições de Barroso *et al.* (1999), Gonçalves & Lorenzi (2007), Harris & Harris (1994), Hickey (1973), Radford *et al.* (1974) e Romão (2003). Os desenhos foram realizados à mão livre com o auxílio de um estereomicroscópio para análise das estruturas menores. Utilizou-se material herborizado e/ou fixado em álcool 70%.

Foram consultados os acervos dos herbários ESA, PMSP, SP, SPF, SPSF e UEC e analisados os exemplares provenientes de empréstimos dos herbários EPAMG, HAS e ICN (acrônimos segundo Holmgren *et al.*, 1990).

Os dados de floração e frutificação foram obtidos através das análises das exsiccatas, das observações de campo, bem como de consultas à literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho foram identificadas duas espécies de Ericaceae: *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. var. *brasiliensis* e *G. rhododendron* Cham. & Schltdl. Segundo Silva & Cervi (2006), há cerca de 37 espécies do gênero *Gaylussacia* no Brasil.

Gaylussacia H.B.K.

Arbustos lenhosos, eretos; ramos flexíveis, glabrescentes. Folhas alternas, subcoriáceas e decíduas nas partes mais velhas; limbo com face superior brilhante, glândula apical espessa, nervação broquidódroma. Inflorescência tipo racemo em axilas das folhas superiores; bráctea uma, na base de cada pedicelo, persistente, foliácea; bractéolas duas, lineares, eretas a flexuosas, inseridas desde a base até o ápice do pedicelo. Flores monóclinas; corola gamopétala, urceolada a tubulosa-urceolada, branca, rosa claro ou vermelha, ligeiramente 5-angulada, lobos deltóides, ápice obtuso, reflexo; cálice 5-lobado, persistente, campanulado, lobos deltóides; estames 10, iguais entre si, eretos, filetes retos, planos, livres entre si, pilosos na margem, anteras bifidas, dorsifixas, poricidas, tecas longo-tubulosas, granuladas no terço inferior; ovário ínfero, pseudo 10-locular, um óvulo por lóculo, encimado por disco dilatado, glabro; estilete linear, glabro. Nuculânio subgloboso, obtusamente 10-sulcado, nigricante quando maduro, lobos calicíneos inflexos, sementes lenticulares.

Chave de identificação para as espécies de Ericaceae do Núcleo Curucutu

1. Presença de tricomas glandulares fino-alongados e capitados, principalmente nos râmulos, corola branca a rosa-claro.....*G. rhododendron*
2. Ausência de tricomas glandulares fino-alongados e capitados, corola rosa-claro a vermelha.....*G. brasiliensis* var. *brasiliensis*

Gaylussacia brasiliensis (Spreng.) Meisn. var. *brasiliensis*, Fl. Bras. 7: 129. 1863.

FIGURA 1 A-G.

Arbusto 0,6-2 m (raríssimo 3 m) alt.; râmulo jovens pubescentes, com tricomas simples esbranquiçados ou branco-cinzentos. Limbo 1-5,7 cm compr., 0,4-2,2 cm larg., elíptico, obovado-elíptico, raro obovado, ápice acuminado, mais raramente obtuso, arredondado ou emarginado, base cuneada, obtusa a arredondada, margem pouco revoluta, subserrilhada a raramente subdenticulada em direção ao ápice, face superior com tricomas simples, principalmente nas nervuras, na base e às vezes na margem, rara glabra, face inferior pubescente, com glândulas clavadas dispersas; pecíolo 1-5 mm compr., 1-2 mm larg., pubescente ou com face posterior glabrescente. Racemos 1,5-5 cm compr., 5 a 14 flores, ráquis densamente pubescentes, com glândulas clavadas mais dispersas; pedicelos 2-7 mm, pubescentes, com raras glândulas clavadas; brácteas 4-15 mm compr., 1,5-9 mm larg., elípticas, obovada-elípticas ou lanceoladas, pubescentes ou com tricomas simples esparsos, margem muitas vezes com glândulas clavadas; bractéolas 1-5 mm, inseridas na porção basal ou mediana do pedicelo, com tricomas simples na margem; corola 7-11 mm compr., vermelha a rosa-claro, pilosa apenas nos ângulos ou raramente com tricomas simples dispersos em toda superfície; lobos 1-2 mm compr.; cálice pubescente ou com tricomas simples apenas em direção à base e às vezes na margem, lobos 1-3 mm compr., ápice agudo ou acuminado; filetes 1-3 mm compr.; anteras 3-6,5 mm compr.; ovário 1-3 mm compr., 1-3 mm larg., densamente pubescente, com glândulas clavadas dispersas; estilete 5-10 mm compr. Nuculânio 2-6 mm compr., 3-6 mm larg., pubescente, raro glabrescente.

Material examinado: Brasil. São Paulo: São Paulo, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu, Trilha do Campo, 05-09-1996, **P. Affonso et al. s.n** (Unisa 545); Trilha do Campo, 15-05-1997, **N.S. Chukr et al. 589** (PMSP, Unisa);

Estrada da entrada, no campo, 09-07-1997, **P. Affonso et al. 73** (Unisa), Estrada da entrada, 23-08-1997, **P. Affonso 130** (PMSP, Unisa); Campo à direita da estrada, área recém-queimada, 23-08-1997, **R.J. Garcia et al. 1277** (Unisa); Trilha da entrada, 03-04-1998, **P. Affonso et al. 249** (PMSP, Unisa); Trilha nova do Mirante, 28-09-2000, **M.A.S. Mayworm et al. 182** (Unisa); Área de mata, 17-08-2001, **M.A.S. Mayworm et al. 238** (Unisa); Trilha do Mirante, 02-10-2002, **V.M. Higashi 4** (Unisa); Entrada da Trilha do Rio Branco, 21-08-2007, **C. Takeuchi 16** (Unisa); Estrada da entrada, 21-08-2007, **C. Takeuchi 17** (Unisa); Trilha do Campo, 09-10-2007, **C. Takeuchi 20** (Unisa); Trilha do Campo, 09-10-2007, **C. Takeuchi 21** (Unisa); Trilha do Campo, 09-10-1997, **C. Takeuchi 22** (Unisa); Trilha do Rio Capivari, 09-10-2007, **C. Takeuchi 24** (Unisa); Trilha do Rio Capivari, 09-10-2007, **C. Takeuchi 25** (Unisa); Trilha do Rio Capivari, 09-10-2007, **C. Takeuchi 26** (Unisa).

Material adicional: Brasil. Bahia: Palmeira, Serra do Larginho, 19-07-1985, **T.M. Cerati et al. 303** (SP); Santa Cruz Cabralia, 16-05-2000, **P. Fiaschi 262** (SPF). Espírito Santo: Guarapari, Estrada do Sol, 07-08-1987, **M. Brandão 13030** (EPAMG). Goiás: Alto Paraíso, Fazenda Rosmarinho, 22-01-2005, **J. Paula-Souza et al. 4359** (ESA). Minas Gerais: Diamantina, estrada para Curralinho até 7 km, 02-12-1996, **G.J. Shepherd 3959** (SP); Joaquim Felício, Serra do Cabral, nascente do Córrego da Onça, 21-02-2003, **G.O. Romão et al. 974** (UEC); Patrocínio, Serra do Salitre, 29-12-1994, **G. Ceccantini 480** (SPF). Paraná: Palmeiras, Rodovia do Café (BR 376), 15-02-2006, **V.C. Souza et al. 32061** (ESA). Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, próximo ao Recreio dos Bandeirantes, 23-03-1964, **W. Hoehne 5630** (SPF, UEC). Rio Grande do Sul: Cambará do Sul, na Fortaleza, 10-01-1994, **N. Silveira & C. Mansan 10232** (HAS); São Leopoldo, 10-11-1932, **B. Rambo 133** (SP). Santa Catarina: Florianópolis, Estrada para Jurerê, 04-08-1987, **N.L. Souza & M. Fronza 1036** (ICN). São Paulo: Cananéia, Ilha Comprida, a 2,5 km do rio Perequê, 07-12-1961, **J. Fontella 111** (SP); Iguape, 25-02-1994, **F.A. Vitta** (SPF 142.786); Marujá, Reserva Estadual da Ilha do Cardoso, 23-07-1986, **S.C. Chiea et al. 514** (UEC).

Gaylussacia brasiliensis (Spreng.) Meisn. é a espécie do gênero que mais apresenta formas variadas devido a sua ampla distribuição geográfica. O indumento é piloso e glanduloso, com estruturas densamente pubescentes a totalmente glabras. As folhas podem ser oblongas, elípticas-oblongas, elípticas, obovada-elípticas, obovado-oblongas (Kinoshita-Gouvêa, 1979) e obovadas (Kinoshita-Gouvêa, 1985).

Meisner (1864) considerou três variedades: *G. brasiliensis* (Spreng.) Meisn. var. *brasiliensis*, *G. brasiliensis* Meisn. var. *nervosa* e *G. brasiliensis* Meisn. var. *pubescens*. Embora Meisner tenha citado a forma glabra como a variedade *brasiliensis* e outras formas pubescentes como variedade *pubescens*, Kinoshita-Gouvêa (1979) tratou estas duas variedades como *G. brasiliensis* var. *brasiliensis*, visto que não houve uma limitação exata entre elas quanto ao indumento. Em Kinoshita-Gouvêa (1979) e em análise realizada nos acervos dos herbários visitados, verificou-se que a variedade *brasiliensis* difere da *G. brasiliensis* var. *nervosa* Meisn., principalmente pelas folhas coriáceas mais rígidas, com nervação mais densamente reticulada e espessa na face superior.

G. brasiliensis var. *brasiliensis* tem ocorrência no Brasil, nos estados da Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Trata-se de uma espécie heliófita, existente nas mais variadas condições edáficas, físicas e químicas, sempre em vegetação baixa e esparsa. Pode ocorrer de forma isolada ou em agrupamentos, às vezes bastante densa. Floresce praticamente durante o ano todo (Marques & Klein, 1975).

No Núcleo Curucutu, *G. brasiliensis* var. *brasiliensis* foi encontrada com frequência em meio à vegetação baixa e esparsa das formações campestres da área, tanto em beiras de estrada como ao longo das trilhas de regiões mais interioranas, ocorrendo geralmente de maneira isolada. Floresceu no período de abril a outubro e frutificou entre os meses de agosto e outubro.

Nessa espécie houve variações em relação ao tamanho e à forma das folhas, muitas vezes no mesmo indivíduo, sendo mais frequente a forma elíptica. Invariavelmente, o limbo apresentou a face superior glabrescente e a face inferior inteiramente pubescente, com glândulas clavadas dispersas. Nos acervos dos herbários consultados foi observado limbo com face superior glabra e com face inferior pubescente em toda superfície ou apenas na base e na nervura central, com ou sem glândulas clavadas dispersas.

Gaylussacia rhododendron Cham. & Schltdl. *Linnaea* 1: 533. 1826.

FIGURA 1 H-L.

Arbusto 0,3-3 m (raríssimo 6 m) alt.; râmulos jovens densamente cobertos por tricomas glandulares capitados, fino-alongados e glândulas clavadas mais dispersas. Limbo 2,1-4,8 cm compr., 0,9-2,8 cm larg., elíptico, obovado-elíptico, raro obovado, ápice acuminado, mais raramente obtuso, arredondado ou emarginado, base cuneada ou obtusa, margem pouco revoluta a plana, subserrilhada a raramente subcrenulada em direção ao ápice, tricomas clavados na margem apenas no ápice das folhas jovens, face superior glabra ou com raros tricomas simples principalmente nas nervuras, às vezes na base, face inferior com tricomas simples na nervura central, glândulas clavadas dispersas; pecíolo 1-5 mm compr., 1-2 mm larg., pubescente ou com face posterior glabrescente, glândulas clavadas raras ou ausentes. Racemos 2,5-5,3 cm compr., 3 a 10 flores, ráquis densamente cobertos por tricomas glandulares, tricomas simples e glândulas clavadas mais dispersas; pedicelos 1,5-7 mm, com tricomas glandulares, raros tricomas simples, glândulas clavadas dispersas; brácteas, 5-15 mm compr., 2-6 mm larg., elípticas, obovadas ou raras lanceoladas, com tricomas simples principalmente em direção à base,

glândulas clavadas na margem ou dispersas; bractéolas 3-9 mm, inseridas na porção basal, mediana ou apical do pedicelo, margem com tricomas simples e glândulas clavadas; corola 5-10 mm compr., branca a rosa-claro, pilosa nos ângulos, raro glabra; lobos 1-2 mm compr.; cálice com tricomas simples na margem em direção ao ápice e glândulas clavadas na base, lobos 1-2 mm compr., ápice agudo ou acuminado; filetes 2-3 mm compr.; anteras 2,5-4,5 mm compr.; ovário 1-2 mm compr., 1-1,5 mm larg., com glândulas clavadas, raros tricomas simples, às vezes tricomas glandulares; estilete 6-9 mm compr. Nuculânio 2-3 mm compr., 2,5-4 mm larg., com glândulas clavadas, raros tricomas simples, às vezes com tricomas glandulares.

Material examinado: Brasil. São Paulo: São Paulo, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu, Campo, 18-01-1996, **R. Simão-Bianchini et al. 890** (PMSP); Trilha do campo, campo, 27-03-1996, **R.J.F. Garcia et al. 771** (ESA, UEC); Trilha do campo, 18-12-1996, **R.J.F. Garcia et al. 942** (PMSP); Trilha do Rio Embu-Guaçu, 08-07-1997, **P. Affonso et al. 61** (PMSP, Unisa); Trilha do Rio Capivari, 23-08-1997, **P. Affonso et al. 139** (Unisa); Trilha do Rio Embu-Guaçu, 16-06-1998, **C.M. Izumisawa et al. 53** (Unisa); Trilha do Rio Embu-Guaçu, 26-02-1999, **C.M. Izumisawa et al. 191** (PMSP, Unisa); Trilha do Rio Embu-Guaçu, 26-11-1999, **M.A.S. Mayworm et al. 148** (PMSP, Unisa); Trilha do Mirante, 21-12-1999, **P. Affonso et al. 428** (Unisa); Trilha do japonês, 21-12-1999, **P. Affonso et al. 443** (PMSP, Unisa); Trilha da primeira casa abandonada, 21-12-1999, **R.J.F. Garcia et al. 1841** (PMSP, Unisa); Trilha do campo, Floresta de neblina com campo adjacente, 10-04-2001, **G.O. Romão et al. 550** (ESA, UEC); Trilha do campo, floresta ribeirinha altomontana com campo adjacente, 11-04-2001, **L.D. Meireles et al. 88** (ESA, UEC); Mata baixa em solo encharcado, 09-01-2004, **J.B. Baitello 1665** (HAS); Trilha da entrada, 11-12-2006, **P. Affonso 953** (Unisa); Trilha da entrada, 17-01-2008,

C. Takeuchi 27 (Unisa); Trilha da entrada, 17-01-2008, **C. Takeuchi 28** (Unisa); Trilha da entrada, 18-03-2008, **C. Takeuchi 31** (Unisa).

Material adicional: Brasil: Minas Gerais: Rio Preto, entre Rio Preto e Olaria, 23-02-2004, **F.R. Salimena et al. 1252** (ESA). São Paulo: Biritiba-Mirim, alto da Serra do Mar, 01-2003, **F. Pinheiro et al. 185** (SP); Campo Grande, 800 m da Serra do Mar, **G.O. Romão et al. 550**, 10-04-2001 (ESA); Caraguatatuba, Estrada da Intermediária, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Caraguatatuba, 22-09-2005, **F.A.R.D.P. Arzolla et al. 1007** (ESA, SPSF); Mogi das Cruzes, no Morro do Garrafão, 12-05-1991, **M. Silveira 10257** (ESA, HAS); Santo André, Estação Ecológica de Paranapiacaba, mata primária perturbada, 30-09-1982, **C.R.F. Guedes et al. 33** (ESA, SP).

Gaylussacia rhododendron Cham. & Schldtl. ocorre no Estado de São Paulo, na Serra do Mar, dirigindo-se para o norte até Minas Gerais e ao sul até Paranaguá no Estado do Paraná. Esta espécie se relaciona com *G. brasiliensis* var. *brasiliensis* (Kinoshita-Gôuvea, 1979). Na área de estudo diferiu dessa pela presença de tricomas glandulares em alguma parte da planta, limbo com face inferior pubescente apenas na nervura central, existência da corola branca e ovário com predominância de glândulas clavadas aos tricomas simples. Foi encontrada no campo em beiras de estrada e em regiões mais interioranas. A floração e a frutificação ocorreram praticamente durante todo ano com florada mais intensa de dezembro a janeiro.

Garcia & Pirani (2005) citam essa espécie como *G. densa* var. *oblonga* Meisn. Entretanto, foi verificado a partir do estudo realizado por Kinoshita-Gôuvea (1979) que os exemplares provenientes do Núcleo Curucutu não poderiam ser identificados como *G. densa* var. *oblonga* principalmente porque esta espécie se caracteriza pela ausência de tricomas glandulares.

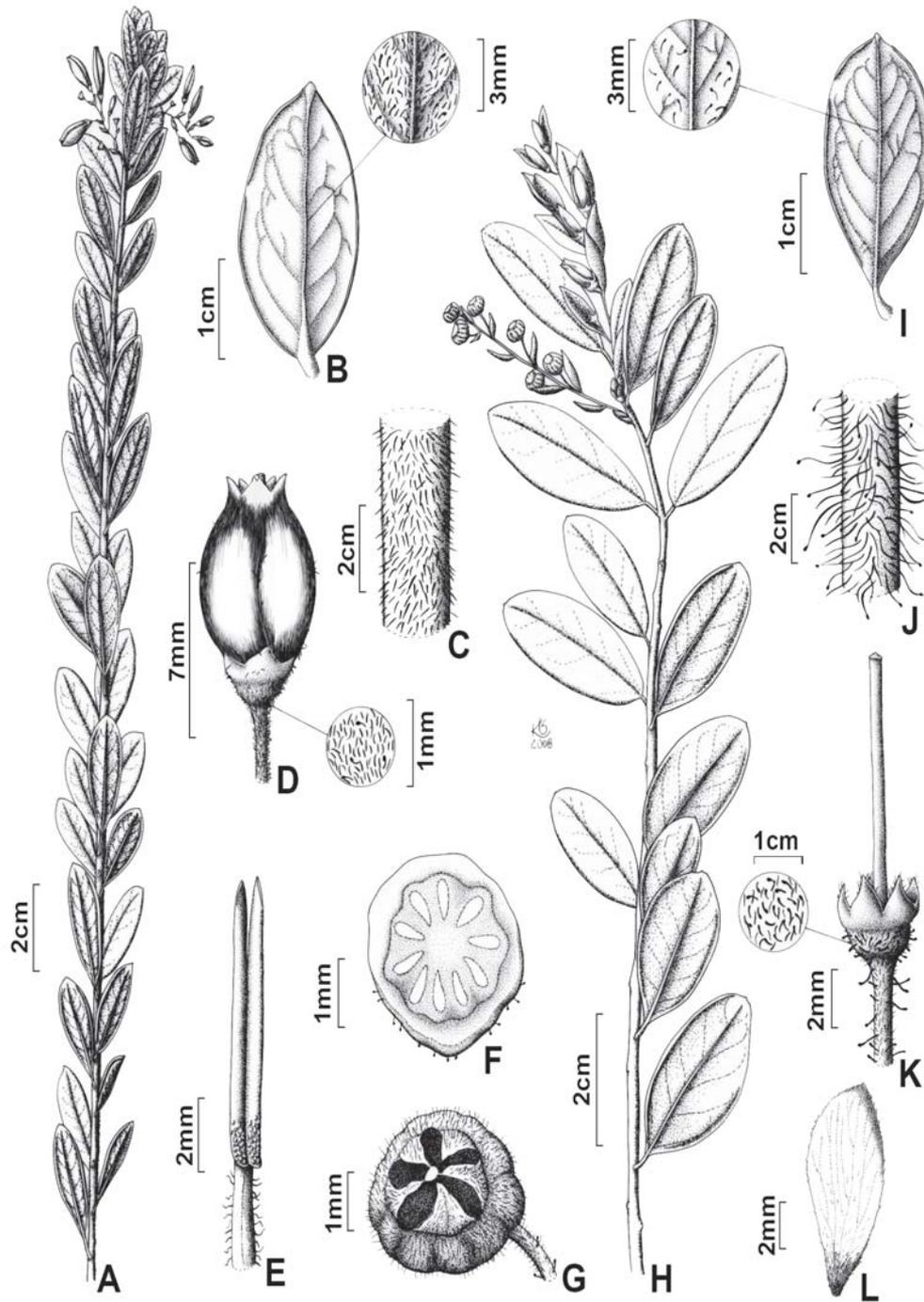


FIGURA 1 – A-G. *Gaylussacia brasiliensis* var. *brasiliensis*. A. Hábito; B. Folha: face abaxial; C. Râmulo com indumento; D. Flor: detalhe dos tricomas simples e das glândulas clavadas no ovário; E. Estame; F. Corte transversal do ovário; G. Fruto. H-L. *Gaylussacia rhododendron*. H. Hábito; I. Folha: face abaxial; J. Râmulo: detalhe dos tricomas fino-alongados; K. Gineceu: detalhe dos tricomas simples e das glândulas clavadas no ovário; L. Bractéola.

4 AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Florestal pela autorização para realização deste trabalho no Núcleo Curucutu. Aos curadores dos herbários ESA, PMSP, SP, SPF, SPSF e UEC pela permissão das consultas aos acervos. À Dra. Profa. Luiza Sumiko Kinoshita, do Departamento de Botânica da Universidade Estadual de Campinas, pela atenção que nos foi concedida e pelas confirmações das identificações. Ao pós-graduando Gerson Oliveira Romão, do Herbário da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, não apenas pelas confirmações das identificações, mas também pelas sugestões dadas a este trabalho e por nos disponibilizar os exemplares provenientes de empréstimos dos herbários EPAMG, HAS e ICN. Ao ilustrador botânico Klei Rodrigo Sousa. À Unisa pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, G. M. *et al.* **Frutos e sementes.** morfologia aplicada à sistemática de dicotiledôneas. Viçosa–MG: Editora UFV, 1999. 443 p.
- CHAMISSO, A. de; SCHLECHTENDAL, D. de. De plantis in expeditione speculatoria romanzoffiana observatis. *Ericaceae*. **Linnaea**, Berlin, v. 1, p. 511-538, 1826.
- FIDALGO, O.; BONONI, V. L. R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico.** São Paulo: Instituto de Botânica, 1989. 62 p. (Série Documentos).
- GARCIA, R. J. F.; PIRANI, J. R. Análise florística, ecológica e fitogeográfica do Núcleo Curucutu, Parque Estadual da Serra do Mar (São Paulo, SP), com ênfase nos campos junto à crista da Serra do Mar. **Hoehnea**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1-48, 2005.
- GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares.** Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2007. 448 p.
- HARRIS, J. G.; HARRIS, M. W. **Plant identification terminology: an illustrated glossary.** Spring Lake: Spring Lake Publishing, 1994. 198 p.
- HICKEY, L. J. Classification of the architecture of dicotyledonous leaves. **Am. J. Bot.**, Saint Louis, v. 60, n. 1, p. 17-33, 1973.
- HOLMGREN, P. K.; HOLMGREN, N. K.; BARNETT, S. C. **Index herbariorum.** Part 1: The herbaria of the world. New York: New York Botanical Garden, 1990. 693 p.
- KINOSHITA-GOUVÊA, L. S. **Estudos taxonômicos e fitogeográficos da família Ericaceae do Brasil.** 1979. 219 f. Tese (Doutorado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. Flora fanerogâmica da Reserva do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (São Paulo, Brasil). **Hoehnea**, São Paulo, v. 12, p. 63-64, 1985.
- KRON, K. A.; CHASE, M. W. Systematics of the Ericaceae, Empetraceae, Epacridaceae based on *rbcL* sequence data. **Ann. Missouri Bot. Gard.**, Saint Louis, v. 80, n. 3, p. 735-741, 1993.
- _____. *et al.* Phylogenetic classification of Ericaceae: molecular and morphological evidence. **The Bot. Review**, Lancaster, v. 68, n. 3, p. 335-423, 2002.
- LUTEYN, J. L. Diversity, adaptation and endemism in Neotropical Ericaceae: biogeographical patterns in the Vaccinieae. **The Bot. Review**, Lancaster, v. 68, n. 1, p. 55-87, 2002.
- _____.; WILBUR, R. L. Flora Costaricensis. **Fieldiana Botany**, Chicago, n. 45, p. 1-107, 2005.
- _____. *et al.* Ericaceae – part II. The superior-ovary genera. **Flora Neotropica**, New York, v. 66, p. 1-156, 1995.
- MARQUES, M. C. M.; KLEIN, R. M. Ericaceas. In: REITZ, R. **Flora ilustrada catarinense.** Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1975. fasc. 11, p. 3-62.
- MEISNER, C. F. Ericaceae. In: MARTIUS, C. F. P. van. **Flora brasiliensis.** Monachii: Typographia Regia, 1864. v. 7, p. 119-182.
- RADFORD, A. J. *et al.* **Vascular plant systematics.** New York: Harpe & Row, 1974. 891 p.

ROMÃO, G. O. **Flora da Serra do Cipó: Ericaceae**. 2003. 147 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____.; SOUZA, V. C. Flora Fanerogâmica do Parque Nacional do Caparaó: Ericaceae. **Pabstia**, Carangola, v. 14, n. 1, p. 1-12, 2003.

STEVENS, P. F. A. Classification of Ericaceae: subfamilies and tribes. **J. Linn. Soc. Bot.**, London, v. 64, n. 1, p. 1-53, 1971.

SILVA, R. R.; CERVI, A. C. As Ericaceae Juss. nativas no Estado do Paraná, Brasil. **Acta Biol. Par.**, Curitiba, v. 35, n.1-2, p. 1-45, 2006.